



REDACTOR PRINCIPAL * * * * *
Alexandre Vieira
EDITOR * * * * *
Joaquim Cardoso

Propriedade da União Operária Nacional
(Formulário da lei que regula a liberdade de imprensa)
Oficinas de impressão — R. da Atalaia, 134

Redacção e administração — Calçada da Combro, 38-A, 2.
Lisboa — PORTUGAL
End. teleg. Talhava — Lisboa • Telefone 17

ABA-TA-LHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Sejamos
reflectidos

OS FORÇADOS NOS FORNOS DA CAL

O impedimento

Há ainda entre os elementos mais activos de algumas corporações operárias — oculta-lo seria improprio de quem escreve o que sente — uma imperfeita compreensão das responsabilidades que assumem em determinados momentos, não só perante a classe a que pertencem, mas também em face da organização geral, e o facto, mau grado nosso, observa-se mais vezes do que seria para desejar.

Corporações há que vão, por vezes, para a greve sem fazerem um exame prévio à sua situação moral e material, sem inquirirem antecipadamente se a classe possui as necessárias condições de resistência e sem terem o cuidado de atraír para os seus movimentos, como seria do mais elemental bom-senso, a simpatia da opinião pública, que é um factor a tomar em consideração, sabido como é que um movimento que encontra bom ambiente entre o público é movimento que raras vezes se perde.

Geralmente acordita-se que basata a justiça que assiste a determinada reclamação para fazer que um movimento que em favor da mesma se realize obtenha o almejado triunfo. O pior é que, nos dias que correm, nem sempre o bom direito é suficiente a dar, por si só, o triunfo. Se assim não fôr, não veríamos cotidianamente praticar tanto atropelo e esmagar movimentos prenhes de justiça.

Ora como assim é assim há de ser em quanto predominarem as instituições burguesas, cuja moral é o que nós bem sabemos, necessitamos nós, trabalhadores, de reflectir e levarmos os nossos camaradas a reflectir também, antes de nos lançarmos em lutas que, podendo trazer para as nossas corporações e, portanto, para cada um de nós, uma efectiva melhoria, colocam-nos, pelo contrário, quando somos mal sucedidos, numa situação económica dobrada mente difícil.

Mas uma derrota, além disso, desmoraliza a classe que a suporta, quebrantando-lhe a energia.

Essa classe fica, pois, não só impedita de disfrutar uma vida menos isenta de dificuldades e inibições, consequentemente, por largo tempo, de se lançar em novas e porventura necessárias lutas, como permite que a classe oposta — por virtude do esmagamento da corporação operária que não soube, ou não pôde opor a sua resistência à do patronato — tome alento e passe então a negar-se sistematicamente, certa de que nem ao de leve será molestada nos seus interesses, a atender quaisquer reclamações que lhe apresentem, ainda quando estas sejam as mais razoáveis.

Devem, pois, as corporações operárias, antes de se lançarem num movimento constitutivo, ponderar se estão habilitadas a fazer face, com os próprios recursos, a uma batalha demorada, evitando ir para a greve contando de antemão que ao cabo dum dia ou dumha semana estejam satisfeitas as suas reclamações, o que fará vez suceder, e agora mais que nunca, como no-lo mostram exemplos bem recentes.

Na Companhia União Fabril

Segundo nos informam, o sr. Alfredo da Silva, a fim de exercer represálias sobre o seu pessoal, que ultimamente se organizou, iniciou perseguições, tendo começado por reduzir o trabalho na secção de sterina, alegando a falta de matéria prima. Essa falta de matérias primas é fictícia, tendo ainda o conhecido industrial outro fim, além de exercer represálias sobre o pessoal, reduzindo-lhe os dias de trabalho, fazer a escassez de velas no mercado, a fim de provocar uma nova alta no preço desse iluminante.

No caso do sr. Alfredo da Silva estendeu as suas hâbeis perseguições a outras secções das suas fábricas, os camaradas que ali trabalham estão na disposição de tomar uma atitude energica.

O pessoal das fábricas de Lisboa também se encontra descontente por não serem cumpridas algumas das reclamações atendidas pela companhia, entre as quais avulta a do pagamento das férias ser efectuado durante o trabalho.

Ninguém se queixa; há como que um

E ver então aquele formigueiro humano a estalar-se nas variadíssimas maneiras, qual delas a mais penosa... tra a trabalhar, é forçosamente gente falar os músculos, naquele movimento constante de chegar matos que arde rápido, a crescer o peito, a castigar a vista, para continuar, de aí a outras seis horas, iguais, horríveis, entalado naquele corredor com saida para o interior, e a retaguarda obstruída pelas pilhas de combustível, que o soltem aos olhares de quem não tiver a coragem de ir lá ao pé, ver-lhe a camisa chumada, e as pestanas queimadas para ganhar, em toda essa tortura, com extraordinares, 18000.

Fui a este pesadelo com o pretesto de ir ver um outro forno ao lado, aíndas que o uniforme que me honrava de usar foi manchado dumamente vergonhoso, em 1 de Maio, res-cuse-me doravante a envergá-lo. Peço-vos portanto a minha demissão a partir de hoje. Prefiro estar antes ao lado dos espâncados que o lado das traiçeiros e acorço a justar-me aqueles, a fim de ajudar, na medida das minhas forças, os meus irmãos trabalhadores a instaurar a República democrática social.

Por onde se vê que, sob o ponto de vista moral, nem todos os polícias estão tão corrompidos que a regeneração se torne impossível.

E o quadro medieval, de senhores e escravos, que nos oferece a primeira fase do fabrico de cal, o carregar o forno, a que eles chiamam o impedimento.

Vistos de fora, no seu conjunto, os fornos, ou mais exacto, o masso sobre que assentam e os cerca, assemelha-se a uma muralha, interrompida em certos sitios, por reentrâncias quadrilongas, espécie de corredores abobados, em "ogiva", e que lembram muito as janelas esguias de vestuários conventuais, terminando lá ao fim num buraco ou fenda, de três metros de altura, que é a entrada interior para o forno, um pouco circular, qualquer coisa que pareça um canudo, com 20 metros de altura por 4 de diâmetro.

Comega então a faina. Depois de revestido, em toda a sua superfície interna, com uma cobertura de pedra e barro, para proteger do fogo a sua instalação, entra-se verdadeiramente no impedimento; isto é, atulhar aquele espaço todo, com pedra, que de futuro virá a incandescer, começando-se por fazer uma abóbada toda em fiaias, que vão apertando até chegar a altura da fenda da entrada.

Depois de revestido, em toda a sua superfície interna, com uma cobertura de pedra e barro, para proteger do fogo a sua instalação, entra-se verdadeiramente no impedimento; isto é, atulhar aquele espaço todo, com pedra, que de futuro virá a incandescer, começando-se por fazer uma abóbada toda em fiaias, que vão apertando até chegar a altura da fenda da entrada.

Depois atulha-se por cima, enciendo aquele espaço que vai da cúpula da abóbada até a acina, à boca do forno, que é tapado com uma parede construída em volta, formando um chapéu, saído da terra, é que, visto de longe, lembra um "confisco" de abóbadas, que eles chamam o capelo.

Por fim a entrada em baixo é obstruída com o levantamento dum paredão com um buraco quadrado, para a entrada do combustível, que, nica sendo a boca da fornalha.

E ver então aquele formigueiro humano, a estalar-se, nas variadíssimas maneiras, qual delas a mais penosa, de levar a efeito o que ficou dito.

Carros, carrinhos e carroças, durante semanas conduzem das pedreiras pedregulhos enormes, enquanto que homens rapidamente, descarregam-nos, amontanham-nos, levam-nos ao ombro, ferindo-nos nas arestas, até à entrada do forno, enquanto outros lá dentro, montam pranchas, penduram-se em cordas, a barrar as paredes, a receber as pilhas, a formar a abóbada, levantando

Ninguém se queixa; há como que um

verdadeiro conhecimento de legítimo esforço, de verdadeiro sacrifício, e todos a um, prestam-se reciprocamente, exaltando a penosidade do serviço.

A um deles ouvi dizer, numa resignada satisfação, que é toda a psicologia de ignorados e ignorantes do resto do mundo.

— Eu já cá estou há 10 anos e ainda não vi nenhum desastre. E só isto dos olhos, na picagem do forno e mais nada... — E aqueles que estão ao fogo, arrisquei eu, para os ouvir e surpreender uma revolta, uma blasfêmia, que traissé o homem sensível, e logo, um deles, numa isenção que me emudeceu de espanto: — Sim... Esses também, mas ainda há quem passe pior... —

O que? Ainda havia mais horror, mais sacrifício, mais pesadelo?

Senti-me envergonhado da minha ignorância, não a confusão em flagrante delito de inocência profissional, mas a vergonha de não resgatar há mais tempo a dívida sagrada que se contrai com esses desgraçados, que trabalham para todos, que se torturam para nosso bem, para nosso conforto, sem que nos cubramos a de menos.

Havia mais a ver, mais horror, mais tragédia, mas eu, que não podia mais, os meus nervos ainda não eram de aço, resolvi visitá-los uma segunda vez, a ver como se acabava a cal, e abreviava a vida na cataria.

Ah... quanto pequeno me senti nesta confissão, ante a grandeza heroica daquela gente, daquelas humildes.

Eduardo FRIAS

Ninguém se queixa; há como que um

NOTAS & COMENTARIOS

Raio de sorte!

Ontem, descimos nós a Avenida, num carro eléctrico, quando num banco da nossa frente um cavalheiro bem posto desdobrou A Vitoria. E ao alto da primeira página desparámos com esta, em letras enormes: Três ministros no fundo do mar. O quê? seria possível? O coração começou a bater-nos com mais força. Caramba! de trás já estamos livres! Pst, oh rapaz! Dá cá A Vitoria.

Afinal ficámos desapontados. Os ministros tinham realmente estado no fundo do mar, mas voltaram já superiores e, a estas horas, estão a fresquinhos como umas alface saladas. E' o caso de se dizer que herva ruim não a queima a gada...

Virem-se para Deus

Publica-se em Lisboa todas as manhãs um jornal católico-apóstólico-romano que traz causas engraçadíssimas. Chama-se A Época. E ao lés-lá, tem a gente a impressão de estar diante dum documento do tempo do sr. D. Miguel que Deus haja. Aqui na redacção quando algum de nós vem aborrecido, ou neurasténico e com prisão de ventre-moléstias que no dizer de Fialho andam em geral associadas — um caminho chega-lhe. A Época para desanviar o espírito e desimpedir as vias intestinais. Efeitos surpreendentes. Francas e cristalinas gargalhadas começam de ecoar pelos corredores. Dali a pouco o duodeno entra a desparir da mordida atónia, os movimentos peristálticos, apenas perceptíveis momentos antes, intensificam-se pouco a pouco, transmitem-se ao longo da via intestinal até ao rectum e... ponto. De modo que A Época tem sobre as nossas pélvis visceras a mesma influência que tinha o hino da Restauração sobre aquele major comandante da praça de Elvas cuja história o Fialho contou a gares.

Fui-vos, conseguem, aumentado no meu ordenado, que passou de oitocentos escudos anuais para mil e oitenta escudos.

Para o assunto chamo a boa vontade do sr. ministro do trabalho interno, do sr. ministro das finanças e do governo, de uma maneira geral. O que se faz é razoável. Não acho eu, infelizmente, na grande maioria do pessoal dos estabelecimentos de assistência que se encontram sob a minha direcção, aqueles colaboradores activos e entusiastas que eu necessito — que eu preferia ter colaboradores a subordinados, que as mais, das vezes, cumprem com má vontade — mas isto não impede que eu seja solidário com elas na sua reclamação de aumento de salário.

Não se vive assim. Não se pode viver com aqueles ordenados, senhor ministro

Era justo, não é razoável, não é moral que se melhorem as condições de emprego e de justiça, tive a infelicidade de receber resposta negativa e colher apenas a sua promessa categórica de apoio a tal reclamação depois da abertura do parlamento.

No entanto acabam de sair no Diário do Governo decretos que aumentam os ordenados dos funcionários da Provedoria Central da Assistência, da Casa Pia, bem como os dos diretores do Asilo de Mendicidade e Anexos, e do Asilo D. Maria Pia.

Fui-vos, consequentemente, aumentado no meu ordenado, que passou de oitocentos escudos anuais para mil e oitenta escudos.

Para o assunto chamo a boa vontade do sr. ministro do trabalho interno, do sr. ministro das finanças e do governo, de uma maneira geral. O que se faz é razoável. Não acho eu, infelizmente, na grande maioria do pessoal dos estabelecimentos de assistência que se encontram sob a minha direcção, aqueles colaboradores activos e entusiastas que eu necessito — que eu preferia ter colaboradores a subordinados, que as mais, das vezes, cumprem com má vontade — mas isto não impede que eu seja solidário com elas na sua reclamação de aumento de salário.

Não se vive assim. Não se pode viver com aqueles ordenados, senhor ministro

Era justo, não é razoável, não é moral que se melhorem as condições de emprego e de justiça, tive a infelicidade de receber resposta negativa e colher apenas a sua promessa categórica de apoio a tal reclamação depois da abertura do parlamento.

No entanto acabam de sair no Diário do Governo decretos que aumentam os ordenados dos funcionários da Provedoria Central da Assistência, da Casa Pia, bem como os dos diretores do Asilo de Mendicidade e Anexos, e do Asilo D. Maria Pia.

Fui-vos, conseguem, aumentado no meu ordenado, que passou de oitocentos escudos anuais para mil e oitenta escudos.

Para o assunto chamo a boa vontade do sr. ministro do trabalho interno, do sr. ministro das finanças e do governo, de uma maneira geral. O que se faz é razoável. Não acho eu, infelizmente, na grande maioria do pessoal dos estabelecimentos de assistência que se encontram sob a minha direcção, aqueles colaboradores activos e entusiastas que eu necessito — que eu preferia ter colaboradores a subordinados, que as mais, das vezes, cumprem com má vontade — mas isto não impede que eu seja solidário com elas na sua reclamação de aumento de salário.

Não se vive assim. Não se pode viver com aqueles ordenados, senhor ministro

Era justo, não é razoável, não é moral que se melhorem as condições de emprego e de justiça, tive a infelicidade de receber resposta negativa e colher apenas a sua promessa categórica de apoio a tal reclamação depois da abertura do parlamento.

No entanto acabam de sair no Diário do Governo decretos que aumentam os ordenados dos funcionários da Provedoria Central da Assistência, da Casa Pia, bem como os dos diretores do Asilo de Mendicidade e Anexos, e do Asilo D. Maria Pia.

Fui-vos, conseguem, aumentado no meu ordenado, que passou de oitocentos escudos anuais para mil e oitenta escudos.

Para o assunto chamo a boa vontade do sr. ministro do trabalho interno, do sr. ministro das finanças e do governo, de uma maneira geral. O que se faz é razoável. Não acho eu, infelizmente, na grande maioria do pessoal dos estabelecimentos de assistência que se encontram sob a minha direcção, aqueles colaboradores activos e entusiastas que eu necessito — que eu preferia ter colaboradores a subordinados, que as mais, das vezes, cumprem com má vontade — mas isto não impede que eu seja solidário com elas na sua reclamação de aumento de salário.

Não se vive assim. Não se pode viver com aqueles ordenados, senhor ministro

Era justo, não é razoável, não é moral que se melhorem as condições de emprego e de justiça, tive a infelicidade de receber resposta negativa e colher apenas a sua promessa categórica de apoio a tal reclamação depois da abertura do parlamento.

No entanto acabam de sair no Diário do Governo decretos que aumentam os ordenados dos funcionários da Provedoria Central da Assistência, da Casa Pia, bem como os dos diretores do Asilo de Mendicidade e Anexos, e do Asilo D. Maria Pia.

Fui-vos, conseguem, aumentado no meu ordenado, que passou de oitocentos escudos anuais para mil e oitenta escudos.

Para o assunto chamo a boa vontade do sr. ministro do trabalho interno, do sr. ministro das finanças e do governo, de uma maneira geral. O que se faz é razoável. Não acho eu, infelizmente, na grande maioria do pessoal dos estabelecimentos de assistência que se encontram sob a minha direcção, aqueles colaboradores activos e entusiastas que eu necessito — que eu preferia ter colaboradores a subordinados, que as mais, das vezes, cumprem com má vontade — mas isto não impede que eu seja solidário com elas na sua reclamação de aumento de salário.

Não se vive assim. Não se pode viver com aqueles ordenados, senhor ministro

Era justo, não é razoável, não é moral que se melhorem as condições de emprego e de justiça, tive a infelicidade de receber resposta negativa e colher apenas a sua promessa categórica de apoio a tal reclamação depois da abertura do parlamento.

No entanto acabam de sair no Diário do Governo decretos que aumentam os ordenados dos funcionários da Provedoria Central da Assistência, da Casa Pia, bem como os dos diretores do Asilo de Mendicidade e Anexos, e do Asilo D. Maria Pia.

Fui-vos, conseguem, aumentado no meu ordenado, que passou de oitocentos escudos anuais para mil e oitenta escudos.

Para o assunto chamo a boa vontade do sr. ministro do trabalho interno, do sr. ministro das finanças e do governo, de uma maneira geral. O que se faz é razoável. Não acho eu, infelizmente, na grande maioria do pessoal dos estabelecimentos de assistência que se encontram sob a minha direcção, aqueles colaboradores activos e entusiastas que eu necessito — que eu preferia ter colaboradores a subordinados, que as mais, das vezes, cumprem com má vontade — mas isto não impede que eu seja solidário com elas na sua reclamação de aumento de salário.

Não se vive

